

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 7 • 1997/1998



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1997/1998

Volume 7 • 1997/1998 ISSN: 0872-6086

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
7, Oeiras, Câmara Municipal, 1997/1998, pp. 25-33

O POVOADO NO NEOLÍTICO FINAL DO CARRASCAL, LECEIA (OEIRAS). NOTÍCIA PRELIMINAR

João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 - SITUAÇÃO E CONDICIONANTES GEOMORFOLÓGICAS

Cerca de 500 m para Sul do povoado pré-histórico de Leceia, e a meia altura da encosta direita da ribeira de Barcarena, desenvolve-se plataforma larga e regular, levemente inclinada para o fundo do vale, limitada do lado meridional pela profunda ravina do Carrascal (Fig. 1). As coordenadas geodésicas GAUSS de um ponto central são as seguintes (Carta Militar de Portugal na escala de 1/25 000, Folha 430, Oeiras, Lisboa, S.C.E., 1970):

M = 100,14

P = 195,81

A superfície do terreno apresenta-se muito pedregosa, sem indícios de qualquer actividade agrícola recente. Encontra-se, porém, pontuada por numerosos testemunhos arqueológicos, sobretudo representados por fragmentos de cerâmica pré-históricas, cujas primeiras recolhas foram efectuadas pelo Eng. A. M. Monge Soares. Comunicadas tais descobertas por este arqueólogo ao signatário, em Agosto de 1997, foi o local visitado sucessivamente por este último, recolhendo-se numeroso espólio, em depósito no Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/CMO. É a apresentação dos elementos mais relevantes desse conjunto que ora se apresenta, constituindo notícia preliminar de estação que, pelo potencial interesse que evidenciou, justificará trabalhos arqueológicos mais aprofundados, envolvendo a realização de escavações, previstas ao abrigo de Projecto de Investigação apresentado pelo signatário ao Instituto Português de Arqueologia.

⁽¹⁾ *Da Academia Portuguesa de História. Professor da Universidade Aberta (Lisboa), Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras.*

2 – ESPÓLIO RECOLHIDO

2.1 – Pedra lascada

Nas Figs. 2 e 3 representam-se diversos artefactos de pedra lascada, considerados, do ponto de vista tipológico, mais expressivos. Sem que à amostragem recolhida se possa conferir representatividade estatística, salienta-se, no entanto, a presença dos seguintes grupos tipológicos:

- lâminas e lamelas, retocadas ou não possuindo, no primeiro caso, bordos microdenticulados ou com retoques marginais, mais ou menos contínuos (Fig. 2, n.º 1 a 12);
- lâminas com extremidade em raspadeira, representados pelo exemplar da Fig. 2, n.º 15;
- furadores sobre lasca, alongados, de retoque abrupto (Fig. 2, n.º 13 e 14);
- núcleos de lascas mais ou menos poliédricos (Fig. 2, n.º 16; Fig. 3, n.º 1 e 2).

A matéria-prima utilizada é toda de origem local: trata-se do sílex acizentado, muito abundante, sob a forma de nódulos nos calcários recifais do Cenomaniano (Cretácico Inferior), que afloram na parte superior de encosta e no próprio local da estação.

2.2 – Pedra polida

Recolheram-se dois artefactos; trata-se de uma enxó, incompleta (Fig. 2, n.º 17) e de um pequeno machado, de gume embotado pelo uso e de secção sub-rectangular (Fig. 3, n.º 3); tanto a enxó como o machado foram talhados em anfiboloxistos, de textura fina a média, respectivamente. Trata-se de tipo petrográfico não existente na Estremadura, cuja importação em larga escala do Alentejo, constitui um dos exemplares mais interessantes de comércio transregional em época pré-histórica à escala peninsular e mesmo europeia. Com efeito, os afloramentos anfibolíticos mais próximos situam-se a mais de 120 km de distância em linha recta, na região de Montemor-o-Novo e de Abrantes (CARDOSO & CARVALHOSA, 1995).

2.3 – Indústria cerâmica

2.3.1 – Cerâmicas lisas

As formas lisas são dominadas pelos recipientes de bordo em aba, de lábio convexo e pelas taças carenadas; de ambas se recolheram abundantes exemplares representados nas Fig. 3, 4 e 5; mais escassos são os recipientes de bordo simples, por vezes exterior ou interiormente espessado (Fig. 5, n.º 1 a 7). Um grande recipiente ostenta base plana, ligeiramente marcada por protuberância ou anel convexo (Fig. 5, n.º 11), com paralelos em escassos exemplares neolíticos da Estremadura (CARDOSO & CARREIRA, 1991, Fig. 2, n.º 2).

2.3.2 – Cerâmicas decoradas

Representados por bordos denteados de recipientes em tudo análogos aos que possuem bordos em aba, não decorados, referidos em 2.3.1 (Fig. 3, n.º 5; Fig. 4, n.º 1). Um bordo de uma grande taça Palmela, muito erodido, mas ainda com vestígios de decoração incisa no lábio, muito largo, testemunha ocupação do local no decurso do Campaniforme (Fig. 3, n.º 6). Possui na estação campaniforme do Monte do Castelo, a cerca de 200 m para Sul, exemplares em tudo semelhantes (CARDOSO, NORTON & CARREIRA, 1996).

3 – CRONOLOGIA E INTEGRAÇÃO CULTURAL

O espólio dado agora a conhecer afigura-se globalmente coerente. Exceptuando o fragmento da grande taça Palmela, tanto a indústria lítica de pedra lascada como a de pedra polida, bem como a indústria cerâmica, indicam a ocupação da plataforma em apreço no decurso do Neolítico Final. Esta fase cultural, particularmente evidenciada pela associação cerâmica reconhecida (bordos denteados, taças carenadas) encontra-se bem representada na camada basal do povoado pré-histórico de Leceia, situado 500 m para Norte, onde foi bem datada: com efeito, as sete datas de radiocarbono obtidas situam a referida ocupação para uma probabilidade de 95%, entre 3510 e 2900 AC (CARDOSO & SOARES, 1996). Por outro lado, cerca de 200 m para Sul situava-se gruta artificial, a qual, antes de ser totalmente destruída pela lavra de pedreira existe no local, há cerca de trinta anos, forneceu restos antropológicos de um conjunto homogéneo pertencentes a, pelo menos, nove indivíduos (CARDOSO, CUNHA & AGUIAR, 1991). Datação de uma amostra de tais restos, forneceu o seguinte resultado (CARDOSO & SOARES, 1995):

ICEN – 738 – 4630±45 BP

Este resultado corresponde ao intervalo calibrado, para 95% da probabilidade, de 3509-3147 AC. A datação obtida justificou a possibilidade de atribuição do referido sepulcro colectivo aos primeiros habitantes do povoado pré-histórico de Leceia. Porém, a identificação desta estação estende também tal possibilidade aos seus ocupantes. Deste modo, parece configurar-se a ocupação dispersa do vale médio da ribeira de Barcarena, no sector a meia-encosta correspondente a afloramentos dos calcários duros cretácicos, que orlam ambas as encostas, formando por vezes plataformas limitadas por cornijas de dimensões variáveis. Tais locais ofereciam, deste modo, condições propícias para a fixação de pequenas comunidades, que ali se sediam em povoados abertos mas de forma já estável e permanente, no decurso da segunda metade do IV milénio AC. Para além das condições propícias à prática do pastoreio e da agricultura, incluindo a horticultura em pequenos talhões ao longo do fundo do vale da ribeira de Barcarena, tais comunidades seriam atraídas pela riqueza em sílex da região, que exploravam através

de pequenas minas a céu aberto, como a existente em Barronhos, a cerca de 500 m para Oeste (CARDOSO & COSTA, 1992) ou no próprio sopé do Monte do castelo, a apenas 200 m para Sul (CARDOSO & NORTON, 1997). Enfim, a presença campaniforme, atestada no local por apenas um fragmento de bordo de grande taça Palmela incisa, é compatível com o padrão de povoamento dominante no final do Calcolítico, caracterizado por um retorno ao modelo vigente na região até ao Neolítico Final, consubstanciado na multiplicação de pequenos sítios abertos, talvez de raiz familiar, de economia agro-pastoril. O sítio mais próximo, que bem revela tal realidade, situa-se no Monte do Castelo, a escassos 200 m para Sul (CARDOSO, NORTON & CARREIRA, 1996). Futuras escavações, que pretendemos levar a cabo no local, permitirão averiguar a importância desta última ocupação, face à do Neolítico Final, a qual se afigura, de momento, largamente dominante.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J.L. & CARREIRA, J.R. (1991) – O espólio arqueológico de Algar de João Ramos ou gruta das Redondas, Turquel – Alcobaça. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990), p. 277-285.
- CARDOSO, J.L. & COSTA, J.B. da (1992) – Estação pré-histórica de Barotas (Oeiras). *Setúbal Arqueológica*, 9/10, p. 229-245.
- CARDOSO, J.L. & NORTON, J. (1997) – A oficina de talhe do sílex do Monte do Castelo, Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 7, p. ??-??.
- CARDOSO, J.L. & SOARES, A.M. Monge (1995) – Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-Madan*, Série II, 4, p. 10-13.
- CARDOSO, J.L. & SOARES, A.M. Monge (1996) – Contribution d'une série de datations ^{14}C provenant du site de Leceia (Oeiras, Portugal), à la chronologie absolue du Néolithique et du Chalcolitique de l'Estremadura Portugaise. *Supplement à la Revue d'Archéométrie*, p. 45-50.
- CARDOSO, J.L.; CUNHA, A. Santinho & AGUIAR, D. (1991) – O Homem pré-histórico no Concelho de Oeiras. Estudos da Antropologia Física. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 2, p. 1-85.
- CARDOSO, J.L.; NORTON, J. & CARREIRA, J.R. (1996) – Ocupação calcolítica do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 287-299.

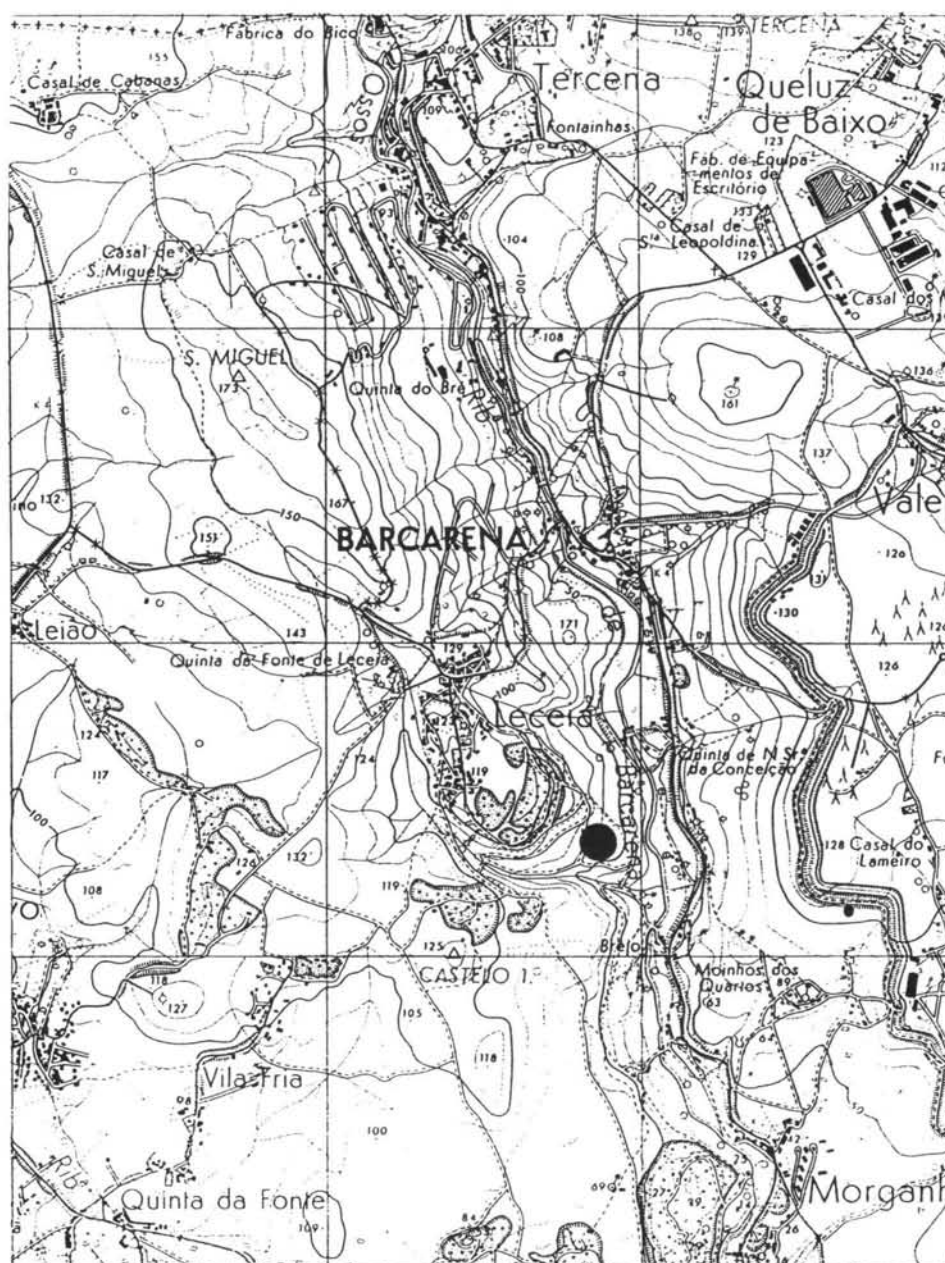


Fig. 1 – Localização do povoado pré-histórico de Carrascal (Leceia) em extracto da Carta Militar de Portugal à escala de 1/25000 – Folha 430 (Oeiras). Lisboa, Serviços Cartográficos do Exército, 1970.

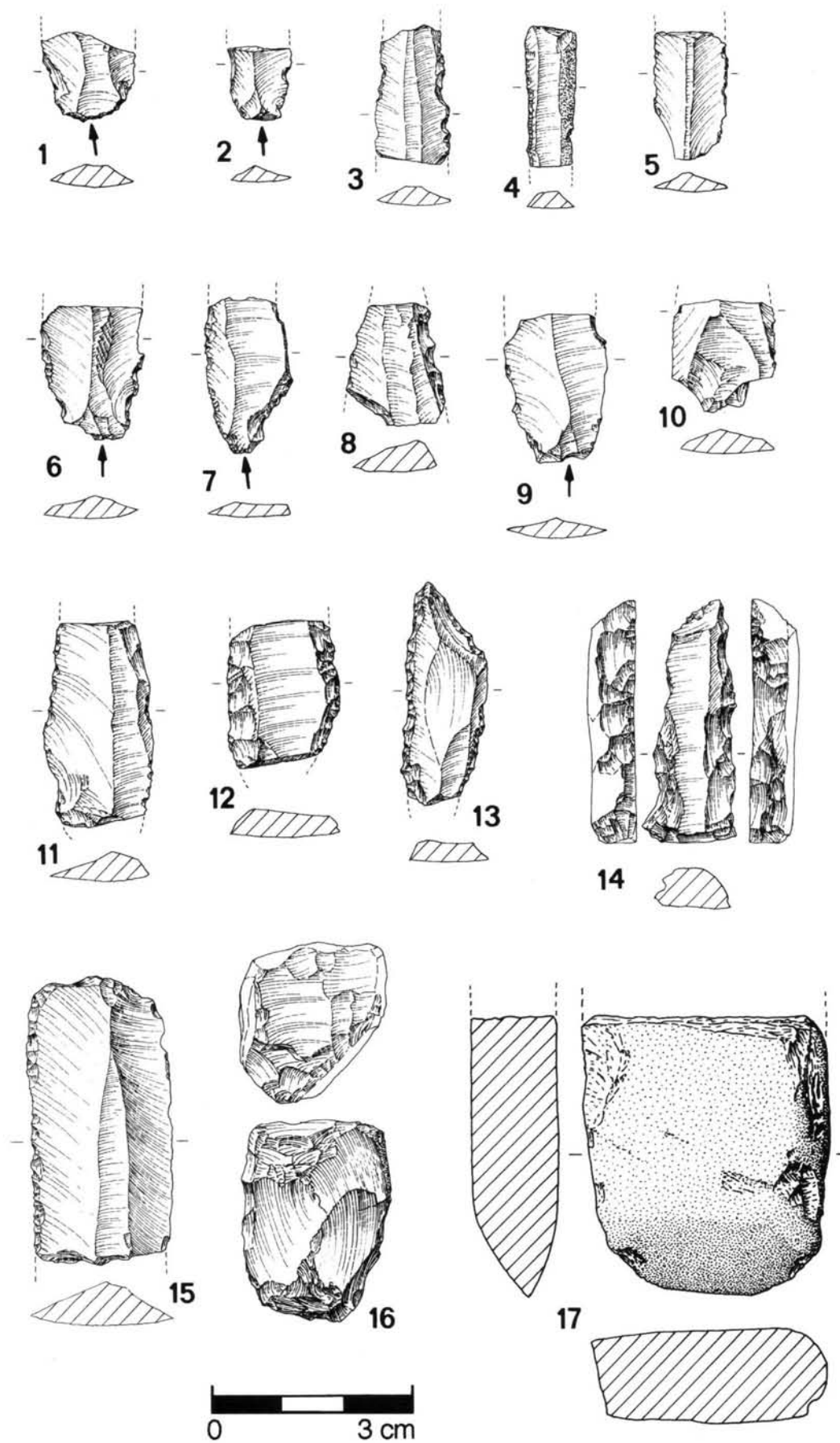


Fig. 2 – Carrascal. Indústria de pedra lascada e de pedra polida.

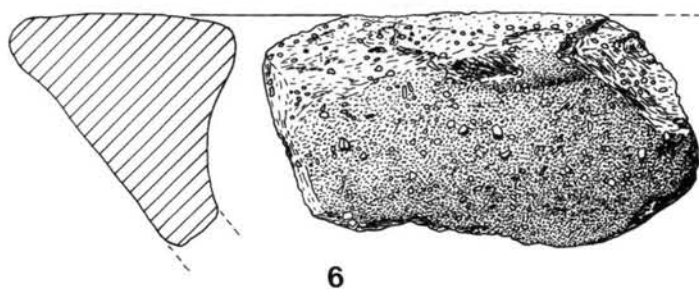
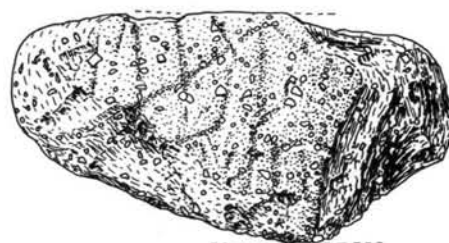
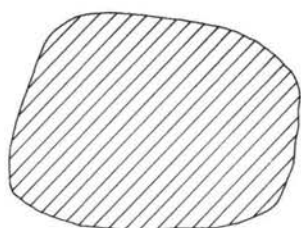
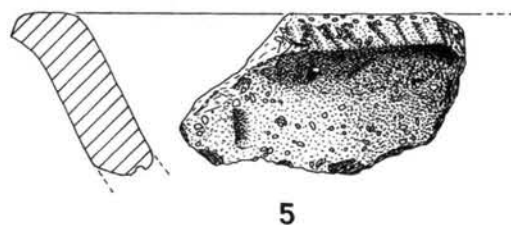
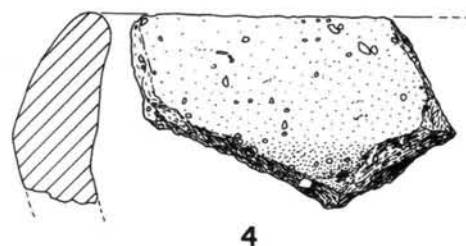
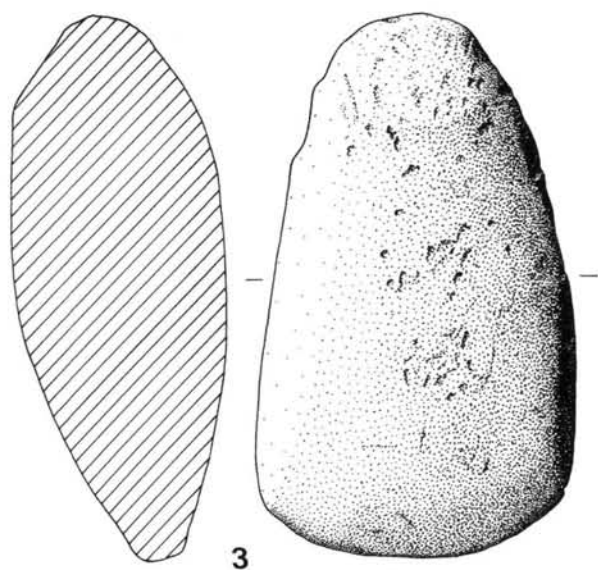
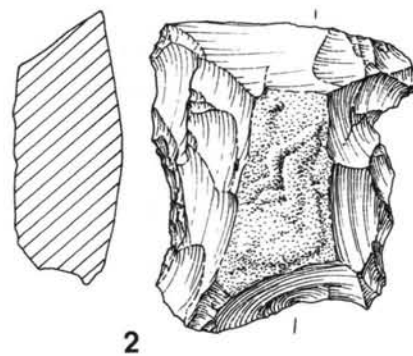
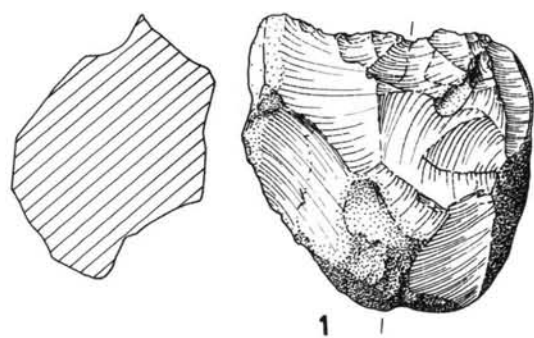


Fig. 3 – Carrascal. Indústria de pedra lascada, de pedra polida e cerâmica.

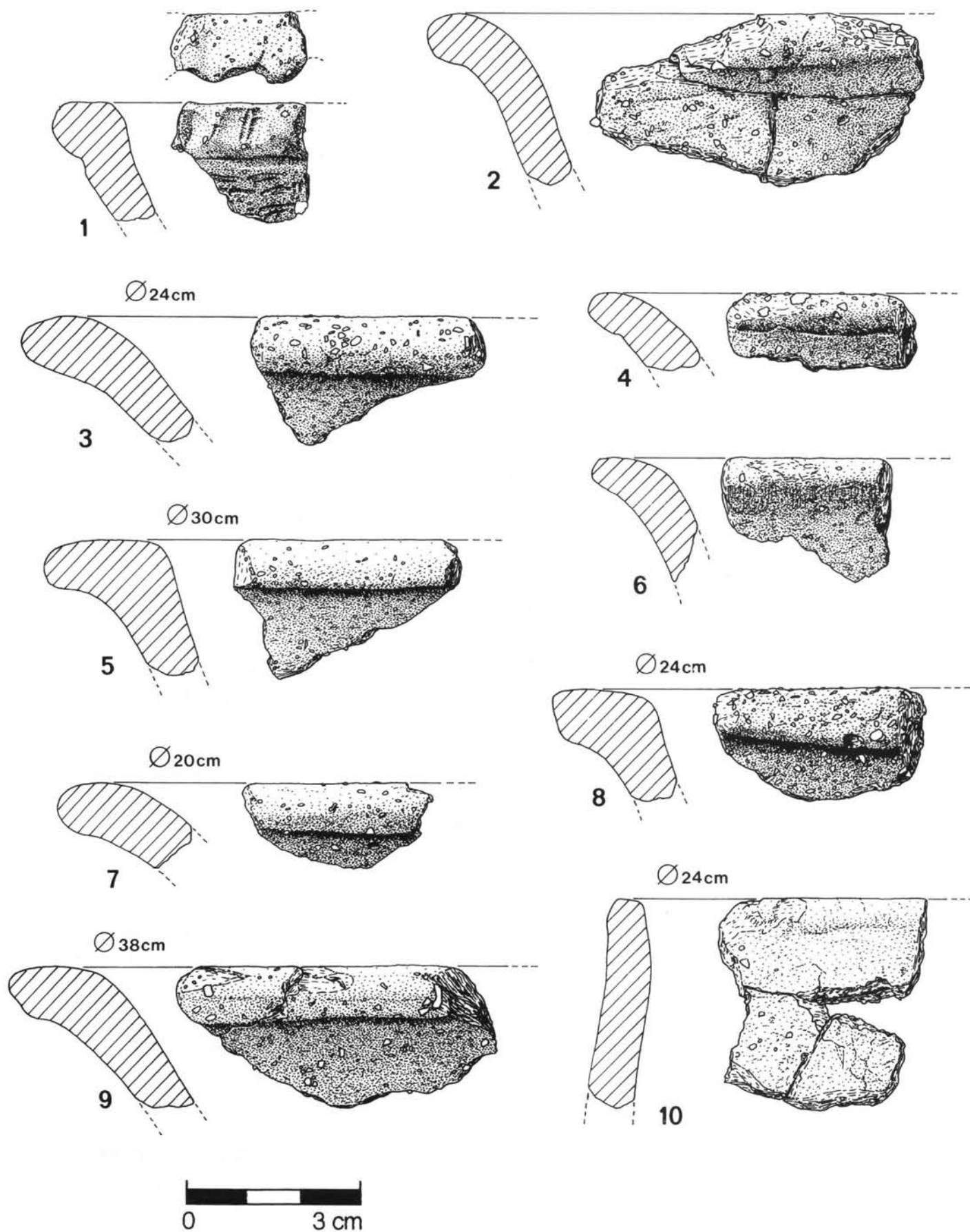


Fig. 4 – Carrascal. Indústria de cerâmica.

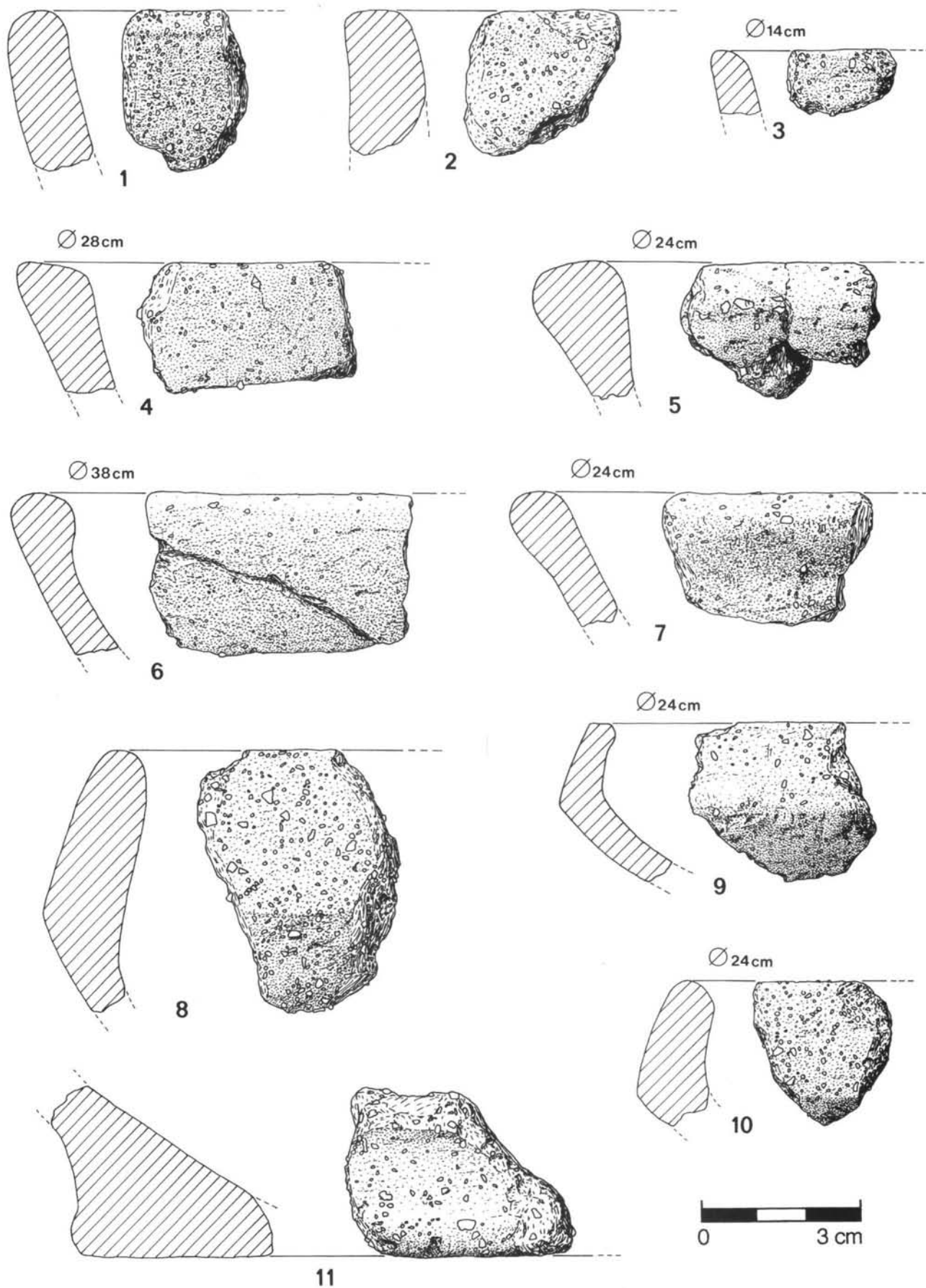


Fig. 5 - Carrascal. Indústria cerâmica.